

A escrita do descontínuo em *La Québécoite*, de Régine Robin.

Frederick Gonçalves Martins¹

RESUMO: Este artigo é uma abordagem dos modos de enunciação de si, no livro *La Québécoite*, de Régine Robin. Pretende-se mostrar aquilo que impulsiona a escritora a perder a coerência e abandonar a realidade, em suas reflexões sobre o passado, para ver até que ponto a memória, e o seu estrito laço com as imagens, controlam e determinam a palavra do escritor, na expressão de sua identidade enquanto enunciadador.

Palavras-chave: Escritas de Si; Memória; Identidade cultural; Narrativas da contemporaneidade.

RÉSUMÉ: Cet article est un étude de l'énonciation de soi, dans le livre *La Québécoite*, de Régine Robin. On voudrait présenter ce qui conduit la perte de cohérence ainsi que l'abandon de la réalité au long du récit, surtout quand il s'agit des réflexions sur le passé, pour voir dans quelle mesure la mémoire et son étroit lien avec les images contrôlent et déterminent l'écriture dans l'expression de l'identité.

Mots-clés: Écritures de soi ; Mémoire ; Identité culturelle ; Récits contemporains.

A clivagem do sujeito, o Outro em si mesmo, o *JE est un autre* tornaram-se evidências do discurso cultural contemporâneo. Pressão da literatura e da psicanálise em suas versões vulgarizadas, a unidade do sujeito cartesiano é um mito do passado. De Diderot a Maupassant, passando pelos sujeitos duplos de Dostoiévski, das *Metamorfoses* de Apuleio à *Metamorfose* de Kafka, a literatura, antes mesmo da psicanálise, nos acostumou aos estranhos desdobramentos do Eu: ser a fonte de sentido, ser o pai e o filho de sua própria obra, autoengendrar-se pelo texto, escolher seus próprios ancestrais, suas próprias filiações imaginárias, reinventar-se no espaço virtual, multiplicar-se, eternizar-se no instante da palavra. Régine Robin, em *La Québécoite*, esforça-se para (re)construir um discurso coerente

¹ Mestrando em Estudos Literários. Faculdade de Letras. Universidade Federal de Juiz de Fora. Contato: frederickgmartins@gmail.com

da memória, entre culturas e línguas, poesias e canções, escritores e ruas, coisas que assumem a dignidade de personagens, às quais sobrepõe-se a imersão em grandes temas, como a incompreensão da morte, o irrefreável decorrer do tempo, as vicissitudes das relações humanas. Suas narrativas são passeios através de Paris, Nova Iorque e Montreal, a olhar vitrines, livrarias e gente nas ruas; a procurar ideias, palavras, frases – ecos do *yiddish*, do inglês e do francês, sua língua *quasi* materna –, lembranças as quais pontuam, a sua maneira, múltiplas leituras.

As formas de textualização desta memória, a qual transita entre o relato confessional e a invenção ficcional, entre a autobiografia e a autoficção, tornam difícil uma categorização dentro do repertório teórico das escritas de si. A própria capa do livro traz, abaixo do título, a palavra “*Roman*” que pretende, talvez, indicar a prevalência de uma instância ficcional sobre a experiência do sujeito real, ou mostrar uma realidade que insiste em parecer mais ficcional do que a própria ficção, ou ainda ser o reflexo de diferentes possibilidades de pensar e refletir a constituição do real a partir de uma escrita híbrida. O filósofo francês Gilles Lipovetsky, no texto *Tempo contra tempo ou a sociedade hipermoderna*, a partir da identificação do declínio da experiência como um fator de narratividade, propõe novas categorias para a literatura contemporânea, baseadas na saturação, no excesso e na repetição, isto é, nos modos operatórios do material narrativo. Coloca-se sob suspeita a experiência do autor, e, considerando o narrador como o “sujeito” que guarda o sentido do texto, presenciamos o enfraquecimento de seu monopólio sobre a narrativa. Não há, dessa forma, o espaço didático da experiência, o que, segundo Walter Benjamin, faz surgir uma categoria de narrador que escolhe um ângulo para narrar/simular a voz oracular do sujeito da experiência. E, percebemos, em *La Québécoite*, a dificuldade da escrita em encontrar um tom, a tenacidade da palavra, o “bom” (e “velho”) distanciamento.

O que há de mais urgente, a partir do século XX, que compreender a fragilização das identidades? A identidade vista como uma produção imaginária, necessária às sociedades e aos indivíduos, seja através de uma identificação, a partir de Freud, seja no plano de identidade narrativa, noção forjada por Paul Ricoeur. Em *La Québécoite*, configurações e reconfigurações da memória balizam um trajeto de transformações, ratificações, transtornos de identidade e aptidões para habitar não-lugares². Num estudo sobre as narrativas

² Termo criado por Marc Augé, no livro *Não-lugares*, de 1995.

bioficcionais de *L'immense fatigue des pierres*, outra publicação de Régine Robin, Vanessa Massoni Rocha diz que o não-lugar é tido como um destino possível para personagens migrantes, as quais puderam reconhecer em sua diáspora “um meio criativo, ao mesmo tempo em que fragmentado e doloroso, de reinventar suas práticas e suas identidades” (ROCHA, 2011, p. 19): a identidade narrativa é o *carrefour* de uma tensão que constitui as autobiografias e autoficções, nas babéis artísticas das narrativas da contemporaneidade.

A história de vida da personagem Mimi Yente, na obra estudada, apresenta uma sequência de uma experiência de desengajamento social, de uma desfiliação às regras através das quais a vida social se reproduz e se reconduz. A narrativa sobre Mimi Yente revela uma série de rupturas familiares, geográficas e sociais, de recusas de pertencimento, de invenção de si, de ficcionalização do real, de lembranças e esquecimentos, um tempo de desfiliação generalizada. Um olhar atento sobre os deslocamentos da memória dessa personagem, entre passado e presente, permite estudar seus múltiplos pertencimentos no mundo contemporâneo: seu exílio, sua errância e sua identidade multiplicada na diáspora.

Em grande parte da narrativa de *La Québécoise* há o engajamento da memória e, tratando-se da personagem Mimi Yente, esta é uma memória da diáspora: “Ela adoraria escutar Mimi Yente contar antigas histórias de *Shtetl*³” (ROBIN, 1993, p. 136)⁴. Mimi Yente fala através de uma voz migrante, na posição de uma personagem exilada da França no Canadá, mas, como veremos, este exílio se desdobra e se complica em diversos outros exílios, de outras histórias, de outras memórias. Lembrar a vivência da *Shoah* a mantém em contato com um núcleo imutável e atemporal, o qual molda seu imaginário, influencia suas ações e confere sentido a sua vida e a sua história. Esta fidelidade às origens, segundo Stuart Hall, é o que une o sujeito a uma identidade cultural, apesar de podermos retornar a uma unidade passada, pois só podemos conhecer o passado, a memória, o inconsciente, através dos seus efeitos, isto é, quanto este é trazido para dentro da linguagem. A estrutura da narrativa de sua memória é cíclica, mas a cada lembrança de paisagens, pessoas e palavras, seu significado é transformado, tornando o retorno à pátria cada vez mais impossível: “Eu não verei mais Jitomir, eu estou muito velha neste momento. Lá, perto de grandes acácias, existia um

³ Do *yiddish*, “cidadezinha”. Povoações ou bairros de cidades com uma população predominantemente judaica, principalmente na Europa oriental como, por exemplo, na Polônia, Rússia ou Bielorrússia, antes da Segunda Guerra Mundial.

⁴ Todas as citações diretas do livro *La Québécoise* foram **traduzidas pelo autor deste artigo**.

cemitério judeu, lápides de todos os formatos talhadas em belo calcário.” (ROBIN, 1993, p. 157).

A narradora de *La Québécoise* mostra que o fio condutor da memória individual, por exemplo a memória da personagem Mimi Yente, não se separa da memória coletiva judia, ao contrário, fica evidente que elas estão em infinito diálogo reflexivo. Ora, se os membros de uma comunidade diaspórica são, a partir de Stuart Hall, definidos pela nostalgia de uma pátria que é parte do desejo de se enraizar em um outro lugar, a memória dialógica da personagem não pode ser separada do sentimento diaspórico.

Uma casa com uma escada de pinho antigo como a ilusão do enraizamento./ A PORTA FECHADA, UM PAÍS,/ para si em qualquer lugar. Não estrangeiro. Um lugar-um lugar-abrigo uma casa-leito, indistinta numa rua sob a sombra das árvores, sobre a qual não iríamos jamais colocar cruzeiros brancos, cercas ou cadeados. Uma casa para morrer de morte natural de velhice ou de doença. (ROBIN, 1993, p. 97-98, grifos da autora).

Essa parte da narrativa mostra o esvaziamento de sentido causado pelo desejo de enraizar-se, pelo sonho improvável de qualquer abrigo, pelo medo da desapropriação, durante a Segunda Guerra Mundial.

Se o destino escolhido pela personagem Mimi Yente revela a reapropriação da memória judaica de seus antepassados, seu modo de vida deixa transparecer o quão intensamente ela vive a diáspora. A nostalgia diante do retorno impossível às formas de vida de sua origem, às cidades e às paisagens europeias, em contraste com o acolhimento da nova vida no Québec, coloca a personagem num *entre-lugar*: “Sem lugar. Sem ordem. /Memória dividida na junção de palavras/ As camadas mudas da linguagem, rachadas/ A fala imaginária suspensa entre/ duas HISTÓRIAS” (ROBIN, 1993, p. 152, grifo da autora). Ela caminha entre presente e passado em busca de um lugar para si, um lugar identitário que parece não encontrar de modo definitivo: “[...] sempre à margem./ Desvios em vão,/ partidas em vão,/ retornos em vão./ [...] o Nada,/ [...],/ cidade corrosão” (ROBIN, 1993, p. 166). Esta sensação de não pertencimento a um lugar, de estar suspensa entre passado e presente na busca desse lugar, afasta a personagem Mimi Yente das singularidades de categorias conceituais e organizacionais básicas, como “classe”, “pátria”, “gênero”, “língua”, entre outras. Para Homi Bhabha,

[...] O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação das diferenças culturais. Esses “entre-lugares” fornecem terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade [...]. (BHABHA, 1998, p. 19-20).

A distância no espaço/ tempo, percebida nas citações a cima, provoca na personagem um sentimento de exílio na cidade de Montreal: “cidade reconstituída, cidade de exílios justapostos, de solidões amontoadas que se cruzam sem se ver” (ROBIN, 1993, p. 192). Montreal, cidade onde, num certo bairro bem conhecido pela *Québécoise*, “subsiste ainda o sotaque da Europa central, onde escutamos falar *yiddish*, e onde é fácil encontrar pepino em conserva, ninho de Ralé e mingau de pão de ázimo” (ROBIN, 1993, p. 23), é um importante destino para os judeus, da diáspora na América do Norte. A cidade inteira é um cruzamento de falas de exilados, ou seja, a fala imigrante é a fala do exílio, como podemos observar no poema a seguir, escrito no corpo da narrativa:

[...]
ainda uma outra língua?
em exílio na sua própria língua.
a trouxa sempre preparada
está de partida talvez?
uma fala imigrante quase muda
sem sombra
sem eco
trincada
uma fala de penúltima parada.
Ainda uma parte da duração. (ROBIN, 1993, p. 95).

Montreal é o lugar onde o exílio encontra o seu lugar mais simbólico. A narradora parece querer compreender alguns aspectos da errância a qual se submete, sobretudo devido à dificuldade de se enraizar, de conceber o território de uma vida mais fixa, ou, ao menos, mais previsível, como podemos observar nos seguintes questionamentos: “Será preciso sempre recomeçar tudo?/ Tudo?/ Partir de novo? Mudar mais uma vez?” (ROBIN, 1993, p. 95). Mas, em outras passagens, percebemos sua entrega, numa espécie de deixar-se levar por uma paixão em tentar compreender o novo país:

O esquecimento começa pelo gosto dos alimentos, depois a cor do céu, o som das vozes, o cheiro das ruas. Quem se lembra da praça Navona? Quem se lembra do

gueto de Varsóvia? De outro tempo, de outra História? LOVE IT OR MAPLE IT⁵ estrangeiros indesejáveis, todos comunistas, todos revolucionários. (ROBIN, 1993, p. 82, grifos da autora).

Esta permanente recriação da memória provoca como consequência uma extrema fragilização de si. Através de um discurso memorial, a configuração exílio/errância funda uma escrita que, paradoxalmente, trabalha como uma “borracha”⁶ que apaga tudo por onde passa, e faz com que os personagens nunca saibam se existem, se se apagam, se evaporam ou se são os sujeitos de um grande manipulador, de um destino de simulacro que lhes escapa: “Ela vacila. Sente o mal-estar. E se choca. Paris se distancia, encrava-se em terras distantes. Nem mesmo a lembrança. A memória cede às armas e bagagens.” (ROBIN, 1993, p. 191).

Entre a autora, a caneta e o papel instaura-se um verdadeiro combate: “Eu compreendi mais tarde que tudo vinha da guerra. De fato, salvo exceção, eu não escrevo sobre a guerra, mas com a guerra” (ROBIN, 2003, p. 15), e é desta tensão que nasce a narrativa. No livro *Le deuil de l'origine*, em que Régine Robin analisa o trabalho de uma língua desconhecida, ou esquecida na escrita de alguns escritores judeus, o *yiddish*, a autora diz que “escrever é sempre jogar, frustrar a morte, a filiação, o romance familiar, a História.” (ROBIN, apud ROCHA, 2011, p. 12).

Nesse sentido, podemos afirmar que, em *La Québécoise* a escrita é concebida como uma passagem, uma transmissão: “Anotar todas as diferenças, fazer um inventário, um catálogo. Escrever tudo para dar corpo a esta existência. [...] Não esquecer nada.” (ROBIN, 1993, p. 154). A autora teoriza e tematiza de forma explícita a sua própria prática romanesca, tratando do multiculturalismo, das identidades ambíguas e inconsistentes, e do cosmopolitismo do mundo moderno contemporâneo. Sua pesquisa consiste em deslocar aquilo que está em jogo na representação de si, isto é, remanejar as identidades a partir das memórias que ela instaura na busca por uma “identidade pluralizada pelos fantasmas do autoengendramento” (ROBIN, 1997, p. 16). Através do universo da linguagem de Robin, constata-se a referência a um imaginário de inquietante estranheza, que torna porosas as fronteiras “entre o escritor, o narrador e os personagens, entre o artista e sua instalação”

⁵Alusão à frase LOVE IT OR LEAVE IT (“ame-o ou deixe-o”). Segundo Elizabeth Houston Jones, este “comando” parece sugerir que as minorias étnicas de Montreal devem incorporar as formas de alimentação norte-americanas ou deixar o país. O *maple siroup*, espécie de xarope doce, feito da seiva da árvore Maple, é utilizado na alimentação diária dos canadenses, e está fortemente relacionado com a cultura e o folclore local.

⁶Metáfora criada por Romain Gary, em seu romance *La vie devant soi*. (ROBIN, 2005, p. 89).

(ROBIN, 1997, p. 17), permitindo a passagem de todos os outros que constituem a identidade pluralizada de si.

Em se tratando de uma personagem essencialmente diaspórica como Mimi Yente, a identidade de si é totalmente pulverizada. Tudo se torna não-coincidência entre a pessoa e o seu nome, a pessoa (o personagem) e ela mesma (Régine Robin), sua língua e sua cultura, seus atos, sua destinação. “Não sabemos nunca se estamos no domínio da cópia ou do original, do real [o real tal como supõe o texto ficcional] ou da ficção, no segundo ou no terceiro grau. Tudo se desdobra sob o regime da identidade múltipla.” (ROBIN, 2005, p. 84). A multiplicidade identitária é inseparável de todos os processos de criação de um duplo, seja um pelo outro, um e o outro, um no outro, seja o jogo de ventriloquia:

Falsários, manipuladores, mágicos, saltimbancos, ilusionistas, todos se encontram no falso, na simulação, no *kitsch*, os falsos papéis, os falsos nomes, os falsos endereços. Eles não sabem bem quem eles são realmente, eles se escapam a eles mesmos, se reinvestem em outros personagens, se apresentam como o camaleão. Eles são, no sentido forte do termo, autocriações deles mesmos, na metamorfose e multiplicação de si. (ROBIN, 2005, p. 89).

La Québécoite é igualmente arraigado à vida de Robin, à intensidade de sua escrita:

Ela teria sido imigrante. Ela teria vindo de longe, não teria nunca estado em sua própria casa. Ela teria continuado seu caminho com seu cajado de judia errante e sua estrela e com seu cortejo de imagens de Epinal, de estereótipos deformados. Ela teria continuado a ver o nascimento de novas linguagens, à escuta. Por que estas palavras sem sequencia, em sua própria chaga, expostas, nuas, constringidas? As palavras derrotadas do estrangeiro, as cantigas arcaicas de outros lugares. (ROBIN, 1993, p. 64).

O fragmento acima mostra que o lugar tem um importante papel na construção da narrativa. Porém, não há como demarcar um ponto de partida ou de chegada ao exílio: a narradora expressa um sentimento de desorientação, e fica clara a ausência de um lugar que se possa chamar de lar, e as várias vozes na narrativa parecem repetir sobre este sentimento de falta de pertencimento a um lugar. Isso se comprova quando os personagens expressam o sentimento de desenraizamento: “Eu sou outro. Eu não pertencço a este Nós frequentemente utilizado aqui. [...] Eu não sou daqui” (ROBIN, 1993, p. 54); e na voz de Mimi Yente: “Aqui ou em outro lugar, eu nunca estive em casa” (ROBIN, 1993, p. 178). Porém, o mais intrigante é que, no livro, essa falta de sentimento em relação ao pertencimento a um lugar é

frequentemente associada à questão da judeidade. Esta pode ser entendida como uma das chaves da escrita de Régine Robin, de sua busca por identidades múltiplas, de sua fragilidade identitária por detrás da superfície social, de suas ambiguidades e, em última análise, do dispositivo de sua mistificação que também deve ser tomado como o retorno as suas origens distantes, através da personagem Mimi Yente.

Não resta nada além de uma condição temporal e existencial de errância – “ERRAR” (ROBIN, 1993, p. 154, grifo da autora). Existe uma coincidência, um curso, uma dobra entre o deslocamento físico das personagens e a errância da escrita engendrada pela autora: é preciso subsistir à errância, e o caminho a ser atravessado pertence ao domínio da escrita. Nesse sentido, há uma errância própria à escrita, que religa os fios do estatuto memorial, estabelecendo elos, saltos e associações entre a memória dos sujeitos em diáspora, a história, a cultura e o lugar:

O único elo, o único país, minha mãe. Perdi de novo na errância. Desde sempre nós somos errantes. *Immerrants. Immergés. Immer toujours*⁷. Himmel o céu. A perda do nome, da mãe e do lugar. Sem lar, nem lugar, sem calores passados, reais ou fictícios, eu os perdi. (ROBIN, 1993, p. 63-64).

Segundo Stuart Hall, os processos de desterritorialização e de construção de identidades hifenizadas colocam em cheque os pertencimentos e a concepção de lar no mundo diaspórico contemporâneo. Lançadas contra um cenário de despossessão generalizada, as identidades das personagens construídas por Robin estão fundamentalmente ligadas as suas relações com o lugar.

De maneira mais específica, podemos dizer que a autora evoca a experiência migratória judia no século XX, pós-holocausto. Depreende-se do texto a importância das migrações para minar a noção “natural” de desenraizamento dentro de um espaço nacional particular, como se o sentimento de não pertencimento fosse inerente aos sujeitos em diáspora. Estas migrações são para Robin, de acordo com Elizabeth Jones, “fonte de sua complexa e fragmentada identidade, num processo contínuo de oscilação entre diferentes culturas e línguas” (JONES, 2007, p. 221), movendo-se entre palavras e frases do *yiddish*, do inglês e do francês, e inabitando lugares entre o leste europeu, a França, os Estados Unidos e o Canadá.

⁷ Estes neologismos foram mantidos em francês, pois se afastavam muito do sentido original, quando traduzidos.

Em *La Québécoise* a linguagem se torna o artifício através do qual se faz ouvir a voz identitária. Sua narrativa é construída com palavras e personagens deslocados:

Aqui falamos francês e pensamos americano [...] e você perdida em meio a todo este barulho e este furor, sem voz, as palavras defeituosas, as palavras esquecidas, as palavras deformadas, as palavras deslocadas, as palavras deportadas, as palavras além do espaço. Elas não têm mais lugar, (ROBIN, 1993, p. 86),

estão deslocadas no plano da narrativa e desterritorializadas no plano do discurso. Do ponto de vista da linguagem, esta errância que sustenta o movimento da escrita implica uma dificuldade de controle sobre a narrativa: “O texto me escapa. Eu o sinto escorregar. [...] Ilusões do enraizamento”; e uma dificuldade de controle da própria personagem: “Esta personagem mais uma vez me escapa. Termino por me deixar levar por sua história. Termino por acreditar na realidade de Mimi Yente e de seu gato Bilou [...]” (ROBIN, 1993, p. 187).

A dificuldade do exílio, a perda do referencial no movimento incessante da errância e a impossibilidade de se fixar numa geografia urbana neste espaço movediço explicam o desejo da narradora de reconstruir “um universo consistente coerente, legível, decifrável, reconhecível [...]”, fundado sobre uma “conveniência entre o narrador e o leitor [...] que regulam o pacto de leitura de acordo com o horizonte da verdade [...], conforme um “conjunto de saberes preconcebidos” e de “valores dominantes” (ROBIN, apud IPPOLITO, 2012, p. 18); e de terminar “por querer seguir uma intriga, um esboço de história com um começo e um fim. [...] por querer fio de ordem, de lógica, um lugar [...]” (ROBIN, 1993, p. 187). Entretanto, todos os signos de sua fala migrante descarrilam, derrapam, e “ela perde a razão, o norte. Ela perde suas palavras.” (ROBIN, 1993, p. 88).

Em meio ao cosmopolitismo de Montreal, Robin evidencia a pluralidade cultural e linguística dos bairros. Através de uma técnica de colagem, a narrativa é construída a partir do fragmento, da heterogênesse, do vai-e-vem da memória cultural, este grande veio referencial que une acontecimentos às lembranças de toda uma geração. Alguns anos após a publicação de *La Québécoise*, a autora escreve que, ao escolher pela técnica de colagem, não tinha outra ambição, senão “[...] ficcionalizar, [num espaço heterogêneo, numa situação atemporal], a inquietante estranheza criada pelo choque [...]” (ROBIN, 2003, p. 207) entre a cultura judaica, a burguesia francófona e a população imigrante. Desta forma, ela recusa a ordem que a narrativa tradicional avaliza, quando cita, por exemplo, os seguintes versos: “Sem ordem?

nem cronologia, nem lógica. /as articulações estão fodidas. Não existirá um messias. Não existirá uma narrativa /apenas uma voz plural/ uma voz *carrefour* /a fala imigrante” (ROBIN, 1993, p. 90).

A autora parece querer demonstrar que as comunidades étnicas minoritárias não são atores coletivos integrados de uma forma que lhes permita se tornarem sujeitos oficiais de direitos comunitários integrais. Numa época de múltiplas migrações, de encontro de raças e culturas, línguas e etnias, o reconhecimento identitário se torna difícil, senão inútil, e a tentação de dar uma essência à identidade cultural judaica deve ser resistida. Stuart Hall diz que:

[...] as comunidades migrantes trazem as marcas da diáspora, da hibridização e da *différence* em sua própria constituição. Sua integração vertical e suas tradições de origem coexistem como vínculos laterais estabelecidos com outras comunidades de interesse, prática e aspiração, reais ou simbólicos. (HALL, 2003, p. 83).

A narradora de *La Québécoite* volta sempre no tempo, numa tentativa de capturar sua família, seu *Shtetl*, seu rio, sua palavra, sua existência. O avesso do exílio em errância produz uma escrita do descontínuo, sempre atenta ao Outro e à memória das comunidades: um texto em espreita, por aporia cultural do testemunho do exílio, e sua desilusão inevitável, que encontra seu refúgio no enraizamento de uma memória coletiva. A errância cede à memória da diáspora e ressurgue sempre mais forte a cada página, como se esta escrita fosse vitoriosa ao tempo, de um tempo imemorial, sobre o espaço da página branca que o figura.

Referências:

AUGÉ, Marc. *Não-lugares*. São Paulo: 90 Graus Editora, 2005.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BARTHES, Roland. *Roland Barthes par Roland Barthes*. Paris: Éditions du Seuil, 1995.

CHASSAY, Jean-François. Les juifs à Montréal. In: LARUE, Monique. *Promenades Littéraires dans Montréal*. Québec : Québec Amérique, 1989. Disponível em : <https://books.google.com.br/books?id=aJPELks23MkC&pg=PA228&lpg=PA228&dq=la+qu%C3%A9bécoite+diaspora&source=bl&ots=9QiN1NuTPf&sig=M-Fdt9oyENqfhVVoEUO2->

[DqIPtM&hl=fr&sa=X&ved=0ahUKEwjAuqDTzJ7PAhWMjpAKHcVOAfQQ6AEIJzAC#v=onepage&q=la%20qu%C3%A9bécoise%20diaspora&f=false](#). Acesso em: 19 abr. 2017.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

IPPOLITO, Christophe. Apories culturelles et mémoire de la diaspora: migration et écriture chez Régine Robin. In: *Migrations, exils, errances et écritures*. Nanterre: Presses universitaires de Paris Ouest, 2012. Disponível em: <http://books.openedition.org/pupo/2047>. Acesso em: 10 fev. 2017.

JONES, Elizabeth Huston. *Spaces of belonging: Home, Culture and Identity in 20th French Autobiography*. New York: Rodopi, 2007.

MAUFORT, Marc, BELLARSI, Franca. *Reconfigurations: Canadian Literatures and Postcolonial Identities*. Bruxelles: Peter Lang, 2002. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=gHCa6JwuZZkC&printsec=frontcover&hl=fr&source=gbs_atb#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 28 nov. 2016.

ROBIN, Régine. *La mémoire saturée*. Montreal: Stock, 2003.

_____. *La Québécoise*. Montréal: XYZ éditeur, 1993.

_____. *Le deuil de l'origine*. Une langue en trop, la langue en moins. Vincennes: Presses Universitaires de Vincennes, 1993.

_____. *Le Golem de l'écriture*. De l'autofiction au Cybersoi. Montréal: XYZ, 1997.

ROCHA, Vanessa Massoni. Diáspora e negociações identitárias em *L'immense fatigue des pierres*, de Régine Robin. In: *Icarahy*. Rio de Janeiro, n.º. 6, 2011.